

Reflexões sobre o amor na vida e obra de Edgar Morin

*Flávia Diniz Roldão**
*Ricardo Antunes de Sá***

Resumo

O presente ensaio pretende de forma preliminar tecer e entretecer uma leitura acerca de como a ideia de amor está inscrita na vida e na obra de Edgar Morin. O caminho foi percorrido por entre as seguintes obras: Morin (1997/2005), (2009/2012). É possível perceber que o autor revela e desvela sua concepção de amor pela vida, pela pessoa amada, pelo conhecimento, pela humanidade numa perspectiva fiel ao Caminho intelectual, pessoal e profissional que desenvolveu ao longo de seus 98 anos de existência.

Palavras-chave: Amor em Morin; Concepção complexa de amor; Pensamento Complexo sobre o amor. Edgar Morin.

Reflections on love in the life and work of Edgar Morin

Abstract

This essay intends in a preliminary way to weave and interweave a reading about how the idea of love is inscribed in the life and work of Edgar

* Teóloga (FEPAR), Pedagoga (UNIR), e Psicóloga (FEPAR). Especialista em Arteterapia (ISEPE), e em Fundamentos do Ensino das Artes (FAP). Formação em Terapia Individual e Familiar Sistêmica (INTERCEF). Mestre em Psicologia (UFPR). Doutoranda em Educação (UFPR). Professora Universitária. Psicóloga Clínica, atuando com psicoterapia individual, de casal e família. flaviaroldao@gmail.com

** Pedagogo (UFPR). Mestre em Educação (UFPR). Doutor em Educação (UNICAMP). Pós Doutor em Educação (PUC-PR). Professor Associado II (Setor de Educação - UFPR). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Pedagogia, Complexidade e Educação - UFPR. Grupo de Pesquisa de Formação Docente, Currículo e Práticas Pedagógicas: paradigmas contemporâneos - UFPR. Grupo de Pesquisa Paradigmas Educacionais e Formação de Professores - PUC - PR. Coordenador do Programa de Pós Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino (Mestrado Profissional em Educação). antunesdesa@gmail.com

Morin. The road was covered by the following works: Morin (1997/2005), (2009/2012). It is possible to perceive that the author reveals and reveals his conception of love for life, for the beloved person, for knowledge, for humanity in a perspective faithful to the intellectual, personal and professional way that he developed during his 98 years of existence.

Keywords: Love in Morin; Complex conception of love; Complex Thought about love, Edgar Morin.

Reflexiones sobre el amor en la vida y la obra de Edgar Morin

Resumen

El presente ensayo pretende de forma preliminar tejer y entretrear una lectura acerca de cómo la idea de amor está inscrita en la vida y en la obra de Edgar Morin. El camino fue recorrido entre las siguientes obras: Morin (1997/2005), (2009/2012). Es posible percibir que el autor revela y desvela su concepción de amor por la vida, por la persona amada, por el conocimiento, por la humanidad en una perspectiva fiel al Camino intelectual, personal y profesional que desarrolló a lo largo de sus 98 años de existencia.

Palabras clave: Amor en Morin; Concepción compleja de amor; Pensamiento Complejo sobre el amor, Edgar Morin.

Introdução

*“You looked inside my fantasies and made each one come true.
[...] I’ve kept the memories one by one, since you took me in.”*

(Dionne Warwick)

*“Você olhou dentro de minhas fantasias e fez cada uma se tornar realidade.
[...] Guardei as recordações uma por uma, desde que você me acolheu.”*

(Dionne Warwick – tradução dos autores)

O amor é um tema difícil, desafiador, desafia-a-dor, complexo, assunto ao qual Edgar Morin não se furtou ao longo de sua vida no processo de elaboração de seu Pensamento Complexo. É sobre ele e como o amor aparece na sua vida e na sua obra que pretendemos tratar neste ensaio. Morin foi um homem que conseguiu colocar poesia em sua vida, ou como ele mesmo menciona: conseguiu “viver poeticamente”. A pergunta que fazemos neste ensaio fundamentado em

uma revisão de literatura de algumas obras de Edgar Morin é: Como a concepção de amor aparece nas suas obras e na sua experiência de vida? Para respondermos a essa pergunta realizamos uma revisão de literatura das seguintes obras de Morin: “Edwige, a inseparável” (2009-2012) e “Amor, Poesia, Sabedoria” (1997-2005).

Conhecido como “um homem de amores”, Edgar fala do amor. Teoriza e vive o amor em profundidade, relatando um pouco de sua experiência amorosa com sua última esposa, Edwige, a quem, em homenagem logo após à sua morte, ele escreve o livro “Edwige, a inseparável”. Conta sua relação corajosa de uma escolha consciente por estar com essa mulher que o completava. Escolha realizada já na maturidade da vida. Mas ao narrar sua estória de amor com Edwige, Edgar explicita a complexidade, manifesta ambiguidade, que é uma marca muito própria das questões complexas e que delinea a expressão de seu amor por essa sua esposa. Uma história marcada pela coragem de expor seus sentimentos, de publicizá-los. Um amor corajoso que se arrisca às incertezas, e se expressa em diversos momentos e atitudes concretas (ambos se separaram de seus antigos companheiros para estarem juntos como uma escolha – certamente foi preciso coragem para apostar no desconhecido! Ambos nutrem esse amor com pequenos gestos atitudes de cuidado e entrega mútua, tal como nos pequenos desenhos feitos à mão para ilustrar os bilhetes trocados entre eles).

Nos escritos de Morin, observamos que Edwige assume diferentes papéis na vida de Edgar. Um deles, foi o papel de “mãe”, que o completava e que certamente exigiu coragem, ainda que esse papel possa ter sido assumido talvez de modo pouco consciente. Edgar ao narrar sua história de amor, faz homenagem, porém expõe-se profundamente apresentando algumas de suas vulnerabilidades. Temos aqui novamente expressa a sua coragem. Talvez ainda pudéssemos listar outros atos de coragem que marcaram a relação, contudo estes já anteriormente citados, parecem-nos suficientemente fortes, para que percebamos essa como uma característica forte dessa relação.

Essa história de amor inspira, instiga à revisão, ensina-nos sobre o tema e os complexos caminhos do amor entre um homem e uma mulher “*QUE SE ESCOLHEM*”, se entregam e se nutrem numa decisão pela conjugalidade. Essa existiu até que a morte os separou e, como memória da experiência vivida (narrada e compartilhada com outras pessoas), perdura e continua a inspirar outros casais, para além da própria morte.

Morre em vida quem não ama. Felizes são os que num mundo caótico, encontram um amor que lhes completa e têm a coragem de fazer desse amor uma escolha cotidiana, gerando e compartilhando a “*VIDA*”. Quando colocamos o amor em foco sobre a reflexão acerca da vida, cabe-nos perguntar: O que de fato é vida? O que de fato é morte? Há morte em vida? Há amores que sobrevivem ao próprio assombro da morte? Vivem estes celebrados nas pinturas, nos romances, nas canções, nos álbuns de retrato, e onde mais? Quanto vale uma vida sem um amor? Quanto de amor se precisa para que possa valer a vida? Quanto você consegue ser amado? Na pós-modernidade não há respostas prontas, cada qual precisa refletir e fazer suas escolhas, chegar a um acordo consigo mesmo, sobre a história de vida que deseja construir e legar, sobre os legados familiares com os quais deseja romper, e de que forma escolhe viver (ou não viver).

“Edwige, a inseparável”: uma travessia amorosa

“É preciso que dor e alegria estejam no centro deste livro, assim como estão no centro de meu amor por Edwige”
(MORIN, 2012, p.49).

Entre as epígrafes do livro “Edwige, a inseparável”, Morin (2012, p.6) cita Frédéric Dard: “Se eu soubesse que te amava tanto, certamente te haveria melhor amado”. No livro é possível observarmos um tom meio autofustigado e culpabilizado e, ao mesmo tempo, profundamente nostálgico, quando Morin escreve sobre o

seu amor por Edwige. Esse amor declarado profundo, simbiótico e enraizado, é também, um amor percebido por Morin, após a morte de Edwige, como estando em “falta”, declara: “Penso com remorso em meus nervosismos. Às vezes eu também a ouvia distraidamente [...]” (MORIN, 2012, p.77). E escreve:

Edwige me queria total e absolutamente dela; eu era absoluto, mas não totalmente. Não apenas porque me dedicava também à obra na qual acreditava, mas também porque criei pedacinhos de vida pessoal, que me permitiam amá-la em total autonomia, sem me sentir aprisionado (Idem, p.78-79).

Expressa: “Eu lhe dei muito, mas não tudo. Eu lhe dei felicidade, mas não suficientemente: ausências, até mesmo de corpo...” (Idem, p.79). E nesse trecho anteriormente citado, vemos expresso o estilo autêntico e autoreflexivo tão característico de Edgar Morin, já anteriormente manifesto em outras obras, dentre as quais citamos, a introdução de *Meus Demônios* (1994-2013), e que se faz fundamentalmente presente nesta obra. Olhando retroativamente ele observa: “Mas hoje vejo com nitidez que, diferentemente de Edwige em relação a mim, não a ajudei em tudo” (Idem, p. 81). Estaria Morin imaginando que seria possível cumprir esse papel? Pode algum mortal ocupar em plenitude esse papel de provedor total na vida de outra pessoa? Declara: “Havia, em certo sentido, desproporção entre seu amor tão inteiro e o meu: para mim havia meus escritos, minha ‘missão’, minhas clandestinidades, enquanto seu amor se expressava em tudo que fazia; por exemplo, na nidificação” (Idem, p.79). Continua ele narrando e expressando a ambiguidade e a contradição que marcou a sua forma de relacionar-se com Edwige: “Mas meu amor, vejo-o bem agora, era profundo e fundamental – não análogo ao seu, mas não menor” (ibidem).

Nesta obra, chama-nos a atenção o modo com que Morin escreveu, usando expressões bastante densas e incisivas para referir-se à sua relação com Edwige. Observaremos a seguir, algumas usadas em diferentes passagens da obra, e que colocamos especialmente em destaque para chamarmos a atenção do leitor. “Desde o primeiro

olhar fiquei atraído pelo rosto de Edwiges. Dois mísesis partiram de seus olhos e atingiram meu coração” (Idem, p.55). Continua narrando: “Foi em nossos ninhos [...], que vivemos os ‘verdes paraísos’, o maravilhoso cotidiano que ela dava a todas as coisas e à minha vida” (Idem, p.70). A expressão ninho parece ter sido amplamente usada pelo casal para referirem-se ao seu lar. E escreve: “... O que dominou nossos quase trinta anos de vida em comum foi esse ‘paraíso cotidiano’, feito justamente da felicidade de se regozijar e de se maravilhar continuamente, juntos, um com o outro” (Idem, p.13).

Observamos que quando falou de seus outros amores, Morin destacou a relação com Edwige como uma relação especial (ou mesmo única):

Na relação com Edwige, havíamos convergido de maneira cada vez mais íntima. [...] Tive muitos amores, mas Edwige foi a única a ser tão profunda e intensamente amada. Gostaria de poder definir a natureza de nosso amor. Simbiose é insuficiente. Nós nos enraizamos um no outro. Éramos entrecruzados. Era a integração mútua de um no outro. (Idem, p.76 - 82).

Continua:

[...] Jamais tive a intenção de deixá-la – ela nunca deixou de ser poesia para mim. [...] Quanto mais o tempo passava, mais ela se tornava meu rochedo, minha cidadela [...]. De minha parte, dava-lhe a mais completa atenção, ao menor sinal de que não estava bem. Nos últimos anos suprimi quase todos os meus deslocamentos internacionais para me dedicar inteiramente a ela. A cada episódio crítico, fiz de tudo para salvá-la e permaneci o tempo todo ao seu lado [...]” (Idem, p. 77-79).

Declara: “Edwige e eu nos compreendemos, aquém e além das palavras. [...] Amou-me divinamente” (Idem, p.84). E afirma: “[...] Nós nos impregnamos um do outro, nos incorporamos mutuamente. [...] Nós nos amamos às portas da morte e nos amamos nas fontes da vida” (Idem, p.86). Neste trecho anteriormente citado novamente aparece a contradição e ambiguidade ao falar sobre essa relação amorosa.

Do abordado até aqui, parece ficar evidente que para Morin, a intimidade, a cumplicidade, o cuidado mútuo e o encantamento, eram os ingredientes principais dessa relação de amorosidade profunda que deu certo.

Sobre a relação privada do casal, Morin escreve: “Quando nos cruzávamos dentro do apartamento, trocávamos carícias e beijos” (Idem, p.13). E sobre o lar do casal ele conta: “Era o abrigo, o refúgio dos ‘inseparáveis’ que éramos, como esses periquitos que se beijam sem cessar e que morrem quando são separados” (*ibidem*). E sobre o leito conjugal, ele se refere como “ninho do ninho”, e escreve: “Edwige precisava ficar nos meus braços e eu adorava ficar nos braços dela o tempo todo (Idem, p.14). O comportamento carinhoso e desejoso de estar sempre próximo, de estar de mãos dadas ou de braços dados com sua amada, fosse na cama, na rua ou no cinema, revelava a singeleza e a grandeza do compartilhar juntos o Caminho. Relata momentos de êxtase e muita alegria do casal ao apreciarem juntos as músicas, as quais cantavam e se divertiam: “Cantamos junto com a orquestra, tudo se torna sublime [...] somos carregados por uma onda, um oceano inesperado de felicidade” (Idem, p.19).

É interessante percebermos que havia uma consciência de Morin do lugar fundamental que Edwige ocupava em sua vida: o lugar do deleite. Ele estava intencionalmente ao seu lado por escolha, não por obrigação. Fato do qual entendemos possivelmente vir grande parte desse deleite.

Ele destaca o quanto sua amada era atenciosa para com ele: “Ficava feliz em trazer coisas que comprara para meu prazer, para meu conforto...” (Idem, p. 21-22). Conta que sua querida cuidava dele quanto ao que iria vestir, desejando que sempre estivesse bem alinhado e o atendia e estimulava para que não ficasse doente: “Quando ela me diagnosticou uma artrite, massageou-me, pôs uma bolsa de água quente, preparou-me um banho também quente, depois tornou a me massagear” (Idem, p.22).

Morin e Edwige foram um casal que “se devolveram” um ao outro, ajudaram a curar as feridas de uma infância que deixou

marcas na vida adulta e tiraram de modo resiliente, o melhor proveito do tempo que passaram juntos: “... entre nós reinava o verde paraíso dos amores infantis. Nós dois havíamos tido uma infância amarga, então quisemos desfrutar o lado bom de ser crianças ao envelhecer” (Idem, p.23). Se não era possível refazer a história em seu início, eles entenderam de modo claro que um final em aberto estava por ser construído em suas histórias de vida, e (talvez intencionalmente) se revisaram.

Morin demonstra estar por vezes aberto para aprender e a se maravilhar com alguns pequenos gestos de sua amada: “Uma de suas expressões frequentes para um gesto amável [...] era: ‘Que gentil!’ Desde então, sinto um vivo prazer em pronunciar a palavra gentil” (Idem, p.22). Não há amor sem abertura e entrega. Colocar-nos vulneráveis diante do ser que se ama, sem reservas e absolutamente entregue ao outro, parece ser uma base forte sobre a qual podemos construir uma relação amorosa. Ele deixou-se “impregnar” pela sua amada, tal qual muitos outros homens se deixam impregnar por exemplo, pela bebida, estes talvez assim o façam quando ao contrário de Morin, não vêem saída para si no amor. E ainda relata Morin: “quanto a mim, podia frequentar o mundo duro e cruel, porque seu mundo alimentava a minha vida” (*ibidem*). Na obra é possível observar que Morin tem plena consciência (especialmente após a morte de Edwige) de retirar da relação íntima e amorosa com ela, a energia que precisa para enfrentar os desafios da vida pública.

Morin finaliza o capítulo “Nós” do referido livro narrando a trajetória da relação conjugal em um parágrafo onde escreve: “Sim, a despeito de tantas diferenças, éramos almas gêmeas, tínhamos sido feitos ‘para ficar de braços’. [...] Ela permanece e permanecerá inseparada de mim (mesmo).” (Idem, p. 87). No diário mantido por ele por um ano após a morte de Edwige, essa expressão se faz presente de forma literal ou ilustrada em muitas de suas narrações cotidianas.

De maneira absolutamente sucinta, um resumo da história de Edgar e Edwige deve destacar que ambos se encontraram pela

primeira vez quando ela tinha 29 anos, e ele 40. Ambos se uniram quando ela tinha 46 e ele 57, ou seja, 17 anos depois do primeiro encontro. Consideramos que parece ter sido um amor que amadureceu amplamente antes da decisão da união se concretizar. Um amor que se desenvolveu não apenas por causa da paixão inicial, mas pelo zelo de uma escolha mútua de um pelo outro. Aprendemos com a história de Edgar e Edwige que amor é escolha, entrega, intimidade e doação. “Brincadeira de adulto”, encanto, cuidado e sensibilidade. Tudo isso desafiando a dura realidade da vida concreta. Quando há escolha e intencionalidade, há um universo de possibilidades, mesmo diante da dura realidade.

Os mares profundos de Amor,
poesia e sabedoria
“O que é a vida?”
A vida é um tecido mesclado... de prosa e de poesia”.
(Edgar Morin)

Amor, poesia e sabedoria são categorias que dialogam, na compreensão moriniana? Se a resposta for afirmativa, como elas dialogam? Qual a importância deste diálogo para a compreensão de nosso objeto de estudo? Qual a importância dessa obra, para a compreensão da questão que buscamos responder nesse estudo?

Podemos iniciar com as definições de Morin (2005, p.16, 18, 28) para amor, poesia e sabedoria. Iniciamos buscando a definição de amor (grifos nossos).

Mas então, o que é o amor? É o **ápice da união** entre loucura e sabedoria. Como destrinchar esse fato? Parece evidente que se trata de um **problema** com o qual nos defrontamos em nossa vida, e que não há nenhuma chave que permita encontrar uma solução, exterior ou superior. O amor contém justamente esta contradição fundamental, esta co-presença da loucura e da sabedoria. (p.28). O amor é algo único, como uma tapeçaria que é tecida com fios extremamente diversos, de origens diferentes. (p.16). Afirmar que o amor é um complexo, requer um olhar poliocular (p.18).

E a poesia, em que consiste? Morin (2005, p.9) escreve:

Reconhecemos a poesia não apenas como um modo de expressão literária, mas como **um estado segundo do ser** que advém da participação, do fervor, da **admiração**, da **comunhão**, da embriaguez, da exaltação e, obviamente, **do amor**, que contém em si todas as expressões desse estado segundo. [...] A poesia faz parte do amor da vida. Amor e poesia engendram-se mutuamente e podem **identificar-se um com o outro**. [...] Amor e poesia, quando concebidos como fins e meios do viver, dão plenitude ao ‘viver por viver’. (grifos nossos).

Lembramos aqui, quando Quintana (2018, p.20) no poema “As Coisas”, parece expressar essa mesma ideia que Morin traz acima, sobre o estado segundo, em seu livro “O segundo Olhar”:

O encanto sobrenatural que há nas coisas da Natureza! No entanto amiga, se nelas algo te dá encanto ou medo, não me digas que seja feia, ou má, e, caso, singular... E deixa-me dizer-te em segredo um dos grandes segredos do mundo: - Essas coisas que parecem não terem beleza nenhuma. - É simplesmente porque não houve nunca quem lhes desse ao menos um segundo olhar!

Aqui cabe chamarmos a atenção do leitor na beleza que é possível observar em um ser apaixonado. Já destacou a ciência, que o amor faz bem não apenas à alma, mas ao próprio corpo. O verdadeiro amor dá ao ser amado energia e empoderamento. Resta-nos buscar a compreensão de Edgar para o que entende por sabedoria (MORIN, 2005, p.61-64):

[...] Não existe um programa de sabedoria. O que existe, em contrapartida, é a ideia de que não podemos prescindir da dialógica sempre em movimento entre nossa polaridade de *demens* e de *sapiens*. Bem entendido, pode-se e deve-se evitar a pior demência: mas é isso que é a sabedoria? Eu veria o esforço da sabedoria em outro lugar, eu o veria no esforço da auto-ética. A auto-ética implica inicialmente evitar a baixeza, evitar ceder às pulsões vingativas e maldosas. Isso supõe muita auto-crítica, auto-exame, aceitação da crítica do outro. [...] Auto-ética é antes de mais nada, uma ética da compreensão. [...] Para mim, a linha da sabedoria moderna consistiria na compreensão.

Entendemos haver uma profunda complexidade no diálogo destes três conceitos, na busca pela explicitação da realidade contraditória do amor humano. Um amor que vai de mãos dadas com a poesia, um amor que se expressa por meio da poesia da vida, uma sabedoria que é fundamentalmente compreensão, ou seja, tolerância, benevolência. Assumir essa ideia de sabedoria é aceitar um desafio ao seu próprio orgulho e enveredar por um caminho de profunda percepção de si e do outro, num exercício de alteridade e valorização da comunhão entre tudo e todas as coisas, na teia da vida.

Mas o amor humano é um sentimento e, assim, se manifesta sempre na pessoa e se expressa entre pessoas. Segundo o autor, não é possível fugir a esse paradoxo que marca a nossa humanidade na sua forma de existir humano, e de experienciar o sentimento do amor: o paradoxo de sermos *homo-sapiens-demens*, e de termos o “tecido de nossa vida” (MORIN, 2005, p.36) constituído pela dialogia entre a prosa e a poesia.

Fundamentados na reflexão dessa concepção ontológica do humano e da realidade, expressa por Morin, os autores deste texto entendem conjuntamente, que podemos ter o refrigério, de que o movimento entre essas diferentes polaridades que nos constituem como humanos, e assim constitui também a nossa realidade, não necessariamente precisa nos dilacerar, quando passa a ser melhor compreendido pelas pessoas. Esse é o fluxo, o movimento normal da vida. O que dilacera, é a fixação rígida em um dos extremos das polaridades, quando por algum motivo, elas não podem se complementar, e interagir. O que dilacera é a disjunção, não o movimento de fluxo e integração. O que não quer dizer, que vivenciar essa experiência do amor na vida seja algo absolutamente fácil ou banal. Nesse sentido, mais uma vez os autores se fundamentam em Morin (2005, p.52) para defender o seu argumento:

Não se pode fazer como se o homem fosse definido em relação aos outros animais unicamente por essa palavra *sapiens*, que, no mínimo, significa ‘razão’ - e, no máximo, sabedoria, implicando que tudo que no homem não é razão e sabedoria deveria ser considerado como *égarement* provisório, aci-

dental ou perturbador, devido à insuficiência de educação etc. Se se define homo unicamente como *sapiens*, oculta-se dele a afetividade, disjuntando-a da razão inteligente.

Nesse sentido destacamos a importância de percebermos o quanto essa disjunção do ser humano, ou sua compreensão fragmentada, é uma característica desde Descartes, que se faz presente na ciência, e invade o cotidiano da vida, sendo ainda hoje uma das principais lentes para uma “tentativa de compreensão” do ser humano na atualidade.

Essa disjunção se manifesta em muitas áreas que envolvem a compreensão e intervenção com a vida humana, como por exemplo no ambiente escolar e na família; instituições sociais fundamentais na formação dos seres humanos. Em ambas tem havido uma hipervalorização da racionalidade em detrimento da afetividade, nos processos de educação e construção da pessoa. Isso se manifesta claramente em algumas tendências concretas, como por exemplo, a valorização dos pais em colocarem seus filhos para a realização de muitas atividades durante o dia, no contraturno do período escolar, tais como Kumon, inglês, e outras que enfatizam a construção da inteligência, do saber e do ser, pela valorização dos aspectos cognitivos e racionais do humano. Na escola existe uma clara ênfase no trabalho destes aspectos da dimensão humana, em detrimento de uma educação mais integrada que contemple os aspectos de formação da afetividade, a expressão de emoções, e a valorização da dimensão estética da vida. Morin (2005, p.53) afirma: “[...] a multiplicidade da afetividade contribui para o desenvolvimento da inteligência. [...] inteligência e afetividade estão correlacionadas.”

Quando percebemos na atualidade a dificuldade dos homens e mulheres lidarem e expressarem suas emoções e sentimentos nas interações humanas, no ambiente social, de trabalho e até mesmo na família, deveríamos nos perguntar: Como eles e elas foram formados? Qual o lugar que a sociedade e as instituições sociais que formam os seres humanos, tem dado para a formação integral das

peças? Enquanto sociedade, estamos preocupados com a dimensão afetiva, emocional e estética dos seres humanos?

Para adotar uma linguagem moriniana podemos dizer, que uma formação que se preocupe em ser integradora dos diferentes aspectos importantes para a formação dos seres humanos, e/ou transdisciplinar, deve se preocupar e ocupar-se, de contemplar as dimensões de prosa e poesia da vida. Segundo Morin (2005, p.59):

Pode-se chamar de prosa as atividades práticas, técnicas e materiais que são necessárias à existência. Pode-se chamar de poesia aquilo que nos coloca num estado segundo: primeiramente, a poesia em si mesma, depois a música, a dança, o gozo e, é claro, o amor. Prosa e poesia eram intimamente entrelaçados nas sociedades arcaicas. Em resumo a poesia é a estética, o amor, o gozo, o prazer, a participação, e no fundo, é a vida!

Uma educação voltada à construção de competências e a preparar para o mundo do trabalho, preocupações tão comuns hoje em dia nos diferentes níveis de ensino, na maioria das vezes deixa passar despercebida essa dimensão integral na formação do humano.

Se no mundo contemporâneo com o império da tecnologia parece existir um reinado da prosa que faz da poesia a sua súdita submissa, a poesia resiste, e cada um de nós, como destacou Morin (2005, p.59), ensaiamos resistir à prosa do mundo por diferentes meios. Um dos meios destacados por ele são os “amores clandestinos, por vezes efêmeros, sempre erráticos”. Nesse ponto destacamos que a alteridade e a empatia, características humanas tão esquecidas às vezes, nos convidam a perceber que toda auto-ética precisa ser também uma ética de compreensão do outro (expressão de sabedoria) para além de uma atenção exclusiva a si próprio, e às suas próprias emoções.

Em nossa visão, construir uma reflexão sobre o amor trazendo para o diálogo palavras e conceitos como atenção, cuidado, ética, auto-ética, alteridade, e possibilitar a percepção da importância de poderem dialogar esses conceitos, é fundamental, por três motivos. Primeiro pois:

[...] o amor encontra-se, ao mesmo tempo, enraizado em nosso ser mental, em nosso mito, que evidentemente pressupõe a linguagem, e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor decorre da linguagem. O amor simultaneamente, procede da palavra e precede a palavra. (Idem, p.17).

A palavra molda nossa forma de amar, de expressar o amor, e mesmo de eterniza-lo em nossos poemas e bilhetes ao ser amado. A experiência de amar pode ser construída e re-construída, começando pelas palavras que usamos para expressar o nosso amor, para falar dele e sobre ele. O amor, enquanto ação interativa, pode ser construído e reconstruído na própria ação, mas também pela re-construção das palavras que dirigimos ao ser amado. Nós humanos fazemos poesia com as palavras e com as ações amorosas intencionais e sutilmente, ou ainda intensamente, dirigidas ao ser amado.

Segundo motivo, pois é absolutamente fundamental percebermos que:

[...] por trás de um ‘eu te amo’ há uma multiplicidade de componentes, e é justamente a associação destes componentes inteiramente diversos que faz a coerência do ‘eu te amo’. Em uma extremidade há um componente físico e, pela palavra físico, entende-se o biológico, que não se reduz ao componente sexual, mas inclui o engajamento do ser corporal. No outro extremo, encontram-se componentes mitológico e imaginário [...] uma profunda realidade humana. Esses dois componentes são modulados pelas culturas e pelas sociedades [...]. (Idem, p.16-17).

Terceiro aspecto, pois a poesia na vida, por vezes é em sua concretude materializada uma dimensão da existência com intensa força, que pode ser arrebatadora e/ou destruidora, como se canta na música de Lenine:

Aquilo que dá no coração. .E nos joga nessa sinuca
Que faz perder o ar e a razão. E arrepia o pêlo da nuca. Aquilo reage em
cadeia. Incendeia o corpo inteiro.
Faisca, risca, trisca, arrodeia. Dispara o rito certo. Avassalador. Chega
sem avisar. Toma de assalto, atropela. Vela de incendiar. Arrebatador.
Vem de qualquer lugar. Chega, nem pede licença. Avança sem ponderar.

Ou como propõe o poema de Quintana (2018, p.17):

[...] um poema não é para te distraíres como essas imagens mutantes dos caleidoscópios. Um poema não é quando te deténs para apreciar um detalhe. Um poema não é também quando paras no fim, porque um verdadeiro poema continua sempre [...] um poema que não te ajude a viver e não saiba preparar-te para a morte. Não tem sentido: é um pobre chocalho de palavras.

Contudo, advoga Morin (2005, p.10):

É preciso aceitar a “consumação”, a poesia, o dispêndio, o desperdício, uma parte de loucura na vida [...] Talvez seja isso que constitui a sabedoria. (p.60).

A sabedoria pode problematizar o amor e a poesia, mas o amor e a poesia podem reciprocamente problematizar a sabedoria. [...] O excesso de sabedoria pode transformar-se em loucura, mas a sabedoria só a impede, misturando-se à loucura da poesia e do amor.

Com Morin (2005, p.60) aprendemos a importância do movimento da vida, do processo de morfogênese combatendo a estagnação e a rigidez na gestão da vida, e enfrentando de frente a questão do estrangulamento do sentimento no tempo que passa depressa, trabalhando o ser humano a capacidade de regeneração dos sentimentos. Mas com ele também aprendemos, que “a atitude de gozar [...] implica [*ou pode implicar*] simultaneamente a atitude de sofrer. [...] A atitude para a felicidade, implica a atitude para a infelicidade” (grifo nosso). Novamente aqui, tal qual na obra Edwige, significamos estando nas entrelinhas, o lugar central da coragem e do enfrentamento dos próprios sentimentos, para poder realizar-se, a expressão do amor. Coragem a nosso ver implica intencionalidade na ação, por vezes exige autosuperação, e como já destacou Koury (2012, p.266-267):

Coragem é confundida com bravura, como um ato heróico. Eu, de um ponto de vista da sociologia e antropologia das emoções, prefiro definir coragem como um ato cotidiano de ação em direção aos outros (humanos e objetos). Nesse sentido, a coragem é um ato de aventura para o outro: é

a descoberta da diferença do outro em relação ao conhecido e a si mesmo. Nessa configuração conceitual, é uma ação que rompe com os medos (embora recheada deles) em direção à aventura da descoberta, do encontro com o diferente, daquele que estimula a curiosidade, por ser diferente e desconhecido e ao mesmo tempo provoca receios e desejo de conhecê-lo, de assimilá-lo, de possuí-lo. De onde vem a coragem, no sentido acima que estou definindo, vem de uma emoção nova para o conhecimento [...].

Amar é desejar conhecer mais o objeto de amor. Sem coragem para ir adiante, não há expressão e/ou o desenvolvimento do amor. A coragem é ato primeiro na tentativa de mergulhar no desconhecido que é a vivência da experiência do amor. E isso é vida, isso diz de um sujeito que está vivo, e vive, não apenas sobrevive.

O movimento dialógico destacado anteriormente, é para esse autor, parte da forma de ser da vida, e dos humanos: “os seres humanos são seres instáveis, nos quais há a possibilidade do melhor e do pior” (MORIN, 2005, p.61). E os acontecimentos e acidentes da vida de cada um de nós, para ele, tem grande influência sobre aquelas múltiplas identidades em potencial que temos, e acabaremos por expressar [ou não] na construção de nossas histórias de vida. Daí que Morin (2005, p.7), ao lembrar de uma ideia de Hegel fundamental para a compreensão do outro, destaca a importância de não julgarmos o ser pela parte, e sim, somos desafiados a olhar a sua totalidade, integrando nela o melhor e o pior de cada ser. Afinal, todos somos semelhantes em possuímos potencialmente capacidades de expressar o melhor e o pior na vida. E ainda que de diferentes formas e intensidades, todos o fazemos, à partir das infundáveis escolhas que realizamos na vida a todo o momento em nossos dias. Ele nos lembra: “o ser humano é um animal insuficiente, não apenas na razão, mas também dotado de desrazão”.

Sobre a desrazão, aprofunda mais adiante essa ideia: “Estamos plenamente imersos neste mundo que é o de nossos sofrimentos, felicidades e amores. Não experimentá-lo é evitar o sofrimento, mas também não haverá gozo” (MORIN, 2005, p.8). Queremos, entretanto, lembrar que não estamos sozinhos no mundo, e toda re-

lação amorosa é composta de pessoas que se abrem e se permitem mostrarem-se suscetíveis ao outro. Daí que o respeito, a atenção e o cuidado ao outro ser humano, estariam na pauta principal do assunto, para evitarmos ferir e magoar.

Mas num mundo dominado pela ideologia capitalista, que valoriza muito mais o ter do que o ser, grande parte das pessoas não aprenderam a amar, nem mesmo entendem de fato, do que se trata o amor. E não existem muitos espaços, para além da arte, na atualidade, em que a discussão do tema esteja sendo colocada na pauta do dia como assunto fundamental, e tratado dialogicamente com a merecida franqueza e prudência. Mesmo diante do estado caótico que se concretiza em muitos espaços e instituições humanas na atualidade, não estamos assumindo em nossa sociedade, que precisamos aprender a amar melhor, a bem querer, a bem cuidar, a valorizar o amor e colocarmos ele na pauta das discussões sociais, e por que não, nas educacionais. Precisamos aprender a amar?

Finalizando este tópico, queremos buscar um destaque que Morin (2005, p. 15) faz logo no primeiro parágrafo da obra, no capítulo sobre o amor. Escreve ele: “Desejo expor esta dificuldade tão frequente nas ciências humanas, em que se fala de um objeto como se ele existisse fora de nós, os sujeitos”.

Ele qualifica essa atitude como algo “grotesco”, lembrando-nos que as palavras sobre o amor, não são as palavras de amor, são sim “o inverno das palavras do amor” (*ibidem*). Nestas últimas linhas do texto, queremos trazer um alerta colocado pelo autor: “Prudência, sim, mas isso não significa esterilizar nossas vidas, evitar riscos a qualquer custo? [...] Desprendimento sim, mas será mesmo necessário renunciar aos laços de amizade e amor?” (MORIN, 2005, p.8). Indagamos: queremos viver permanentemente o inverno no amor?

Tessituras complementares

Para Morin, o ser humano é constituído pela contradição ou complementariedade *sapiens/demens*. Escreve: “O homem da racionalidade é também o da afetividade [...]. O homem prosaico é tam-

bém o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase.” (MORIN, 2000, p.58). Abordando o tema do *homo complexus* (2000), ele destaca a dialógica *sapiens/demens* tanto como criadora quanto como destruidora, e aponta-nos que os aspectos de ambas as dimensões estão presentes nas criações humanas. Escreve: “*demens* inibiu, mas também favoreceu *sapiens*” (MORIN, 2000, p.58). O amor é um sentimento contraditório que para ser criativo precisa integrar as dimensões *sapiens/demens* na forma de construir e vivenciar a relação amorosa. O amor não pode sobreviver só da dimensão *sapiens* até porque na sua forma mais pura ele se apresenta muitas vezes impregnado da dimensão *demens* do humano. Contudo exacerbar a dimensão *demens* sem abrigar nessa construção a dimensão *sapiens*, pode em alguns casos trazer para a vivência das pessoas muitas complicações. Da mesma forma, polarizar na dimensão *sapiens* pode fazer morrer no ser humano a poesia da vida, conforme escreveu Morin “[...] o culto da razão nutre a guilhotina.” (2000, p.60).

Aqui parece que há outra característica fundamental que perpassa essas ideias de Morin: honestidade. Com quem? Primeiro consigo, depois com o outro ser amado.

Pensar o amor é antes de tudo pensar a condição humana, pois ele é um sentimento e só ganha vida através de seu habitar na vida humana. Até onde vai nossa compreensão atual, não existe amor desencarnado fora do ser humano. Para Morin (2000, p.47) “conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo e não separá-lo dele [...] ‘Quem somos?’ É inseparável de ‘Onde estamos?’, ‘De onde viemos?’, ‘Para onde vamos?’. Interrogar a condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo”. A partir destes postulados de Morin podemos pensar que a forma como as pessoas vivenciam a experiência do amor e das relações amorosas por si construídas, têm a ver não apenas com essa sua condição humana que abriga em si múltiplas dimensões (e possibilidades), algumas contraditórias entre si e, também, têm a ver com a forma como esse ser humano se situa concretamente no “seu” mundo e o partilha (ou não) com outro ser humano. Aqui

está o humano implicado em nossa forma de pensar o amor e suas manifestações concretas, integrando ele – o amor - (a parte), no seu universo concreto – o seu contexto - (o todo). Já salientava Morin (2000, p.48):

[...] aqui se apresenta um problema epistemológico: é impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor que restringe a unidade humana a um substrato puramente bioanatômico. (2000, p.48).

Para concluir esse texto, cujo assunto permanece ainda em aberto e inconcluso, destacamos que, sejam nos erros ou nos acertos, nas limitações estabelecidas ou nas possibilidades construídas: O amor entre um par amoroso é uma experiência de sincronicidade, de ressonância e equifinalidade, uma vivência de co-implicação, tecida impreterivelmente em conjunto.

Referências

KHOURY, M. G. P. e GOMES, K. S. Sobre o significado de coragem. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.11, n. 31, p. 266-276, abril 2012. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v11n31abril2012%20completo%20em%20pdf.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MORIN, E. **Amor Poesia Sabedoria**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997-2005.

_____. **Edwige, a inseparável**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009-2012.

_____. **Meus demônios**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994-2013.

QUINTANA, M. **O segundo olhar: antologia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br> Acesso em: 06 nov. 2018.